

O SONHO TRANSDISCIPLINAR

The Transdisciplinary Dream

El Sueño Transdisciplinario



Revista
Desafios

Artigo Especial
Special Article
Artículo Especial

Hilton Japiassu ^{*1}

¹ O presente trabalho foi encomendado no ano de 2014, por ocasião de conferência ministrada pelo Prof. Hilton Japiassu na UFT. Após a conferência, a então gestão da Universidade Federal do Tocantins instituiu o Prêmio Hilton Japiassu de Excelência em Pesquisa, através de sua Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Em homenagem ao referido professor, a comissão editorial de *Desafios* decidiu manter o texto original, tal como foi enviado em sua primeira versão. O Prof. Hilton Japiassu faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 2015.

**In memoriam*

Publicado em 23/09/2016.

O grande desafio lançado ao Pensamento e à Educação neste início de século e milênio é a contradição entre, de um lado, os problemas cada vez mais globais, interdependentes e planetários, do outro, a persistência de um modo de conhecimento ainda privilegiando os saberes fragmentados, parcelados e compartimentados. Donde a necessidade e a urgência, para uma reforma do Pensamento e da Educação, de valorizarmos os conhecimentos interdisciplinares e promovermos o desenvolvimento, no ensino e na pesquisa, de um espírito propriamente transdisciplinar. Como abordagem “científica” que pretende ser, mas como abordagem cultural e social que é, o Transdisciplinar diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma. Seu projeto utópico? Contextualizar e globalizar, isto é, ver e avaliar um problema sob todos os seus ângulos e em todas as suas dimensões, implicando a construção de uma visão ao mesmo tempo trans-cultural e trans-histórica permitindo-nos compreender o mundo atual em sua complexidade e o ser humano em suas ambigüidades e contradições.

Creio que pode ser aplicado ao pensamento o que dizia Péguy da poesia: “quando a poesia está em crise, a solução não consiste em decapitar os poetas, mas em renovar as fontes de inspiração”. Porque a reforma do pensamento, longe de constituir um luxo intelectual, responde a uma necessidade vital: constitui um dos componentes fundamentais para “salvarmos” a humanidade face às forças terríveis que desencadeou sem ter condições de controlá-las. O que podemos fazer quando tomamos consciência de que nossos conhecimentos atuais revelam uma tremenda incapacidade de pensar o mundo globalmente e em suas partes? O que devemos fazer quando, diante da extraordinária complexidade do mundo atual, constatamos que nosso pensamento se encontra preso às cegueiras e miopias que caracterizam nossas universidades divididas em departamentos sem comunicação? Se nossos espíritos permanecerem dominados por um modo mutilado e abstrato de conhecer, pela incapacidade de apreender as realidades em sua complexidade e em sua globalidade; e se o pensamento filosófico continuar se desviando do mundo em vez de enfrentá-

lo para compreendê-lo, então, nossa inteligência passa a viver na miopia ou na cegueira. Uma tradição de pensamento bastante enraizada em nossa cultura tem nos ensinado a conhecer o mundo por “idéias claras e distintas”, obrigando-nos a reduzir o complexo ao simples, a separar o que é unido, unificar o que é múltiplo, eliminar tudo o que fornece desordens e contradições em nosso entendimento. Ora, como nos vem alertando E. Morin, o problema crucial em nosso tempo é o da necessidade de um pensamento capaz de enfrentar o desafio da complexidade do real, quer dizer, de apreender as ligações, interações e implicações mútuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades ao mesmo tempo solidárias e conflitivas a democracia: sistema que alimenta antagonismos e, ao mesmo tempo, os regula)

Já no século XVII, Pascal, ao formular este imperativo de pensamento que precisamos introduzir em todo o nosso ensino, desde o primário, dava-nos a seguinte orientação: “considero impossível conhecer as partes se não conheço o todo e impossível conhecer o todo se não conheço particularmente as partes”. E acrescenta: “É mais belo saber algo de tudo do que saber tudo de alguma coisa. Eis a verdadeira universalidade”. Queria dizer: se quisermos dominar um objeto, não podemos confiar no conhecimento fragmentado nem na apreensão holística. Precisamos romper com o velho dogma reducionista de explicação pelo elementar e considerar os sistemas complexos, onde as partes e o todo se inter-fecundam e se inter-organizam. Porque o conhecimento deve efetuar, não só um movimento dialético entre o nível local e o global, mas de retroação do global sobre o particular. Ao mesmo tempo em que precisa contextualizar o singular, o pensamento deve concretizar o global, quer dizer, relacioná-lo com suas partes. Não nos esqueçamos: “a simplificação é

a barbárie do Pensamento; a complexidade, a civilização das Idéias” (Morin).

Hoje há um interesse crescente pela interdisciplinaridade. Motivado por diversas razões, entre as quais as que se vinculam a uma análise pedagógica e à redefinição de uma política educacional. Paradoxalmente, nunca se recusou tanto e de boa fé suas exigências. O interdisciplinar possui um sentido bastante preciso: exprime tanto uma constatação (a fragmentação das disciplinas) e uma recusa (abandonar certa tradição ou mentalidade) quanto um remédio (formulação desejada de um mito unificador) para esse esfacelamento. Desde seu surgimento, vem sendo animado por uma tensão entre a aspiração a um saber não-fragmentado e o reconhecimento da abertura, inacabamento e incompletude de cada disciplina. Muita gente toma consciência de que os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados por uma abordagem interdisciplinar. Não basta mais o simples encontro ou justaposição das disciplinas. Torna-se imprescindível eliminar as fronteiras entre as problemáticas e os modos de expressão para que se instaure uma comunicação fecunda. Precisamos substituir o paradigma que nos obriga a conhecer por disjunção e redução pelo paradigma que nos permite conhecer por distinção e conjunção.

Tem-se tornado preocupante o estado lamentável de esfacelamento do saber. Por toda parte surge a exigência de se instaurar pelo menos um diálogo ecumênico entre as disciplinas científicas. Porque ninguém mais parece entender ninguém. Mas essa exigência apenas revela a situação patológica em que se encontra nosso saber. A especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. Chegamos a um ponto em que o especialista se reduziu ao indivíduo que, à custa de saber cada vez mais sobre cada vez menos, terminou por saber tudo (ou quase tudo) sobre o nada, em

reação ao generalista que sabe quase nada sobre tudo. Ele é alguém e possui grandes lacunas em sua ignorância. Em 1934, o poeta T.S.Eliot já dizia: "Onde está a Sabedoria que perdemos no conhecimento? E onde está o conhecimento que perdemos na informação?". E eu afirmo: o excesso de informação, não só desinforma, mas deforma. O risco que correm as novas gerações? Tornarem-se obesas de informação e anoréxicas de conhecimento.

Ora, um saber em migalhas revela uma inteligência esfacelada. O desenvolvimento da especialização, com todos os seus inegáveis méritos, dividiu ao infinito o território do saber. Cada especialista ocupou, como proprietário privado, seu minifúndio de saber onde passou a exercer, ciumentamente e autoritariamente, seu mini-poder. Ao destruir a cegueira do especialista, o conhecimento interdisciplinar recusa o caráter territorial do poder pelo saber. Substitui a concepção do poder mesquinho e ciumento do especialista pela concepção de um poder partilhado. O espírito interdisciplinar pressupõe que reconheçamos: "o coração tem razões que a Razão desconhece". Possuímos qualidades de coração, entusiasmo e maravilhamento que representam as raízes da inteligência. E devemos renunciar se não ao desejo de dominação pelo saber, pelo menos à manipulação totalitária do discurso da disciplina. Não podemos dialogar com quem erige em absoluto a causa ou a verdade que defende. O especialista tenta impor a causa de sua especialidade como se fosse a resposta a todo por quê; ou identificar seu discurso com a origem de tudo. Este instinto teológico é muito celebrado nas capelas da ciência: colóquios, simpósios ou congressos.

De um modo geral repete-se que o futuro pertence às pesquisas interdisciplinares. De fato, são muito difíceis de ser organizadas. Por causa de ignorâncias recíprocas por vezes sistemáticas. Em nosso sistema escolar, encontram-se ainda relegadas

ao ostracismo. Os arraigados preconceitos positivistas cultivam uma epistemologia da dissociação do saber. Sob esse aspecto, ensina-se um saber bastante alienado e em processo de cancerização galopante. Seus horizontes epistemológicos são demasiado reduzidos. Ensina-se um saber fragmentado que constitui um fator de cegueira intelectual. As escolas estão mais preocupadas com a distribuição de suas fatias de saber (ração intelectual) a alunos que nem mesmo parecem ter fome. Este saber mofado, armazenado nessas "penitenciárias centrais" da cultura (as instituições de ensino), além de ser indigesto e nocivo à saúde espiritual, passa a ser propriedade de pequenos mandarinos dominados pelo espírito de concorrência e carreirismo.

É por isso que o interdisciplinar provoca atitudes de medo e recusa. Porque constitui uma inovação. Como todo novo, incomoda. Porque questiona o já adquirido, o instituído, o fixado e o aceito. Se não questionar, não é novo, mas novidade. O conservadorismo acadêmico tem um medo pânico do novo que põe em questão as estruturas mentais, as representações coletivas estabelecidas, as idéias sobre o mundo, a educação e a boa ordem das coisas. O que se encontra em jogo, no fundo, é certa concepção do saber: o modo de se conceber sua repartição e o processo de seu ensino. Porque o interdisciplinar aparece como um princípio novo no processo de reformulação e racionalização, não só das disciplinas científicas, mas das estruturas pedagógicas de seu ensino.

Lamentamos que em nosso atual sistema educacional seja praticamente inexistente a prática interdisciplinar. O que existe são encontros multidisciplinares: frutos mais da imaginação criadora e combinatória de alguns sabendo manejar conceitos e métodos diversos do que algo propriamente instituído e institucionalizado. Mesmo assim, realizam-se como práticas de indivíduos

abertos e curiosos, com o sentido da aventura e não tendo medo de errar; de indivíduos que não buscam nenhum porto seguro, mas se afirmam e se definem por um solene anti-autoritarismo e um contundente anti-dogmatismo. Vejo no dogmatismo de um saber definitivo, acobertado pela etiqueta "objetivo" ou pelo rótulo "verdadeiro" o sintoma de uma ciência agônica. A este respeito, faço minhas as palavras de F. Jacob: "Não é somente o interesse que leva os homens a se matarem. Também é o dogmatismo. Nada é tão perigoso quanto a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição quanto a obsessão de uma verdade considerada como absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram realizados por virtude: em nome da religião verdadeira, do racionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, do combate contra Satã".

Ora, um saber que não se questiona constitui um obstáculo ao avanço dos saberes. A pretensa maturidade intelectual, orgulho de tantos sistemas de ensino, constitui um obstáculo entre outros. A famosa cabeça bem-feita, arrumada, estruturada, organizada e objetiva, não passa de uma cabeça mal-feita, fechada, produto de escola, modelagem e manipulação. Trata-se de uma cabeça que precisa urgentemente ser refeita. O espírito interdisciplinar ajuda a se refazer essas cabeças mal-feitas, pois cultiva o desejo do enriquecimento por enfoques novos e o gosto pela combinação das perspectivas; ademais, alimenta a vontade de ultrapassar os caminhos batidos e os saberes adquiridos. Não nascemos com cabeças "desocupadas", mas inacabadas. A escola e a sociedade pretendem ocupá-las pela instrução e pela linguagem, pela pedagogia entupitiva. Onde a necessidade de se psicanalisar os educadores a fim de que se tornem agentes que despertem, provoquem, questionem e se questionem, e não se reduzam ao

papel ridículo de disciplinadores intelectuais, capatazes da inteligência ou revendedores de um saber-mercadoria sem as técnicas do marketing, sendo pagos e mal-pagos para responder a questões que ninguém lhes coloca. O professor que não cresce, não estuda não se questiona e não pesquisa deveria ter a dignidade de aposentar-se, mesmo no início de carreira: já é portador de uma paralisia intelectual ou esclerose precoce. Max Weber nos lembrava: assim como o sacerdote rotiniza a mensagem do profeta, o professor rotiniza o discurso do pesquisador, dele fazendo desaparecer o fundamental: o problema, tal como foi posto pelo criador. Deveria também se aposentar o que prefere as respostas às questões ou ensinar a pesquisar. Tinham razão os estudantes quando escreveram nos muros de Paris (maio 68): "pesquisadores que pesquisam, encontramos: pesquisadores que encontram, procuramos". Balzac já havia profetizado: "Crie e invente, e morrerás perseguido como criminoso; copie e imite, e viverás feliz como um idiota".

Ao questionar os conhecimentos adquiridos e os métodos aplicados, não só o interdisciplinar promove a união do ensino e da pesquisa, mas transforma as escolas: de um lugar de transmissão ou reprodução de um saber pré-fabricado, num lugar onde se produz coletiva e criticamente um saber novo. Contrariamente ao sistema clássico de ensino, que se instala num esplêndido isolamento e institui um saber pasteurizado, com um sistema hierárquico mais ou menos autoritário, o sistema interdisciplinar viria superar o corte escola/sociedade, escola/vida. Sem falarmos da instauração de uma nova relação entre educadores e educandos.

Mas é ilusório pensar que uma lei ou medidas administrativas possam colocar um paradeiro a hábitos tão arraigados e a estruturas mentais solidamente estabelecidas. Onde a necessidade de se criar instituições dotadas de estruturas flexíveis,

capazes de absorver conteúdos novos e integrar-se em função dos verdadeiros problemas. E de adotar métodos fundados, não em táticas e estratégias de distribuição dos conhecimentos estocados, mas no exercício de aptidões intelectuais e de faculdades psicológicas voltadas para a busca do novo. Mas nada será feito de durável se não estiver fundado na adesão apaixonada de alguns e em experiências inovadoras desempenhando o papel de catalisadores e núcleos de inovação. Mas como o interdisciplinar constitui um fator de transformação capaz de restituir vida às nossas esclerosadas instituições de ensino, alguns obstáculos precisam ser superados:

- a situação adquirida dos "mandarinatos" no ensino e na pesquisa (inclusive na administração; cargos ocupados pelos medíocres);
- o peso da rotina e a rigidez das estruturas mentais;
- a inveja dos conformismos e conservadorismos em relação às idéias novas que seduzem (ódio fraterno);
- o positivismo anacrônico que, preso a um ensino bastante dogmático, encontra-se à míngua de fundamentação teórica;
- a mentalidade esclerosada de um aprendizado por acumulação;
- o enfeudamento das instituições ("departamentalização");
- o carreirismo buscado sem competência;
- a ausência de crítica dos saberes adquiridos, etc.

Todavia, o interdisciplinar não pode ser praticado sem o cumprimento de certas exigências: a criação de uma nova inteligência e de uma razão abertos capazes de formar uma nova espécie de cientistas e educadores, utilizando uma nova pedagogia e ousando pensar de outra forma. Por isso, o candidato

a ingressar nessa aventura deveria preencher os seguintes pré-requisitos:

- ter a coragem de fazer a seguinte prece: "Pai, Fome nossa de cada dia nos daí hoje"
- ter a coragem de devolver, à sua razão, sua função turbulenta e agressiva
- ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método
- saber colocar questões (não só buscar respostas) e não ousar "pensar antes de estudar"
- estar consciente de que ninguém se educa com idéias alheias
- ter a coragem de sempre fornecer à sua razão razões para mudar
- não cultivar o gosto pelo "porto seguro" ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas
- não fazer concessões ao Saber, etc.

Numa época de conservadorismo como a nossa, precisamos ter a coragem de, a) opor-nos a ela; b) ter uma visão crítica do neoliberalismo; c) não ter medo de organizar nossa esperança e de resgatar as utopias, pois o capitalismo mercantiliza tudo. Só um espírito conservador prefere repetir a ter que refletir. Precisamos abandonar essa monotonia espiritual e fazer da Razão uma realidade incompleta jamais devendo repousar na tradição. É desta maneira que se torna jovem e incisiva, passando a aceitar e viver o princípio segundo o qual "nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha": precisamos de pensadores que saibam sonhar e de sonhadores que saibam pensar. Porque nosso conhecimento deve aparecer como a reforma de uma ilusão e uma retificação continuada. Claro que navegar é preciso. E viver, muito mais preciso ainda. Mas se não navegarmos com uma bússola na mão e um sonho na

cabeça, ficaremos condenados à rotina do sexo, da droga e do credit card. E o ideal de vida proposto à juventude (viciada em divertimento) passará a ser apresentado como o mais compulsivo consumismo e vivido no mais vazio niilismo. Os projetos de autonomia individual sofrem um eclipse quase total. Em grande parte, causado pela onda crescente das privatizações, da despolitização e do individualismo avassalador. Um sintoma concomitante: a atrofia da imaginação política e o empobrecimento intelectual de nossas lideranças. Sócrates já dizia: não posso deixar de filosofar, pois uma vida sem exame não merece ser vivida.

Aceitar uma Razão aberta implica admitir, como racionalmente necessária, sua "desdivinização". Só uma razão absoluta, fechada e auto-suficiente é tão intolerante que não consegue dialogar com o irracional e o supra-razional. Por isso, a transformação de nossa sociedade é inseparável do auto-ultrapassamento da Razão. O que estou querendo dizer é que o sonho transdisciplinar não somente nos ajuda a desmontar metodicamente o velho edifício da razão fechada, fonte de "verdades" acabadas e absolutas, de visões dogmáticas e moralistas do mundo que alimentam os renascentes integristas e fundamentalistas, mas a nos libertarmos do medo, inclusive do medo de nossos próprios desejos. Claro que os verdadeiros Topos (lugar) do Transdisciplinar ainda não existem em nenhum mapa-mundi do saber. É um lugar inteiramente u-tópico: transcende nossos conhecimentos. Por vezes aparece como o resultado de um desejo de tipo sentimental ou filosófico, ideológico ou social, poético ou espiritual. Tendo como fonte paradoxal o sonho de compreensão dos resultados gerais das ciências, aparece como a exigência de uma necessidade histórica: não só de uma reconciliação entre o Sujeito e o Objeto, entre o homem exterior e o interior, mas de uma tentativa de

recomposição dos diferentes segmentos de nossos atuais conhecimentos.

É por isso que as pesquisas transdisciplinares tendem a se apoiar nas diferentes atividades, não só das ciências, mas das artes, da poesia, da filosofia, da teologia e do pensamento simbólico. A partir do momento em que a explosão e a especialização dos saberes parecem ter totalmente fragmentado nosso conhecimento; em que as racionalidades científica e filosófica, a poesia e a experiência mística pareciam estar irremediavelmente separadas, surge todo um movimento de reglobalização e de tentativas de reunificação dos conhecimentos. Não com o objetivo de produzir um novo sincretismo, mas de buscar novos pontos de vista a partir dos quais podemos torná-los interativos e espaços de pensamento suscetíveis de revelar uma unidade profunda, embora respeitando as inegáveis diferenças. Por isso, diante da crise de nosso saber, aquilo de que mais precisamos não é de slogans ou de palavras de ordem, mas de outro modo de pensar, de outra inteligibilidade indo do Mesmo ao Outro sem suprimir a Diferença. E como o projeto da Filosofia não é mais o de nos tornar mestres e possuidores da natureza, mas o de nos abrir a todas as luzes precisamos sempre de mais luz a fim de conferirmos um sentido a tudo e ao todo da condição humana. Enfim, embora necessária nos primeiros séculos da ciência ocidental, parece não fazer mais sentido a disjunção radical entre ciência e ética, uma vez que se tornam desafiadores os problemas éticos e políticos colocados pelas ciências contemporâneas: uma nova deontologia científica se impõe após as armas nucleares, a descoberta do DNA, da inseminação artificial, da clonagem, da manipulação das células tronco, etc. E na busca dessa deontologia, creio ser fundamental "A contribuição da teologia moral cristã numa sociedade plura e global".

Mas atenção! Sem os filósofos, os expertocratas, por mais competentes que sejam, ficariam embaraçados para responder à questão do programa kantiano: “O que devo fazer”? Se o Cosmos grego foi liquidado pela ciência moderna, e se a Natureza não pode mais ser considerada um modelo harmonioso permitindo-nos decifrar as finalidades morais, compete à filosofia moral, política e social responder a essa questão: como devo me comportar com justiça em relação aos outros? Não nos esqueçamos de que

os saberes filosóficos, artísticos e religiosos constituem os melhores laboratórios a partir dos quais podemos contemplar a experiência humana em sua totalidade. Porque a Filosofia, as Artes e a Religião são as antenas do Saber. A Ciência chega sempre atrasada para responder, racional e objetivamente, às questões colocadas por essas instâncias. Mas uma coisa é certa: nos dias de hoje, o Filósofo ou o Teólogo que não tiver uma sólida cultura científica, é portador de um câncer incurável!